

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

NASCIMENTO, Luis Felipe Rios do. Luís Felipe Rios do Nascimento (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 55min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSITY OF SYDNEY e AUSTRALIAN RESEARCH COUNCIL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Luís Felipe Rios do Nascimento
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Recife - PE - Brasil;

Data: 09/10/2015 a 09/10/2015

Duração: 0h 55min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Global Arenas of Knowledge”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a University of Sydney e financiado pelo Australian Research Council, entre agosto de 2013 e dezembro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a produção de artigos acadêmicos e paper em congressos.

Temas: AIDS(doença); Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; Atividade acadêmica; Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Centros de pesquisa; Formação acadêmica; Orientação educacional; Pesquisa científica e tecnológica; Religião; Religiões afro-brasileiras; Sexualidade; Universidade de Columbia; Universidade Federal de Pernambuco;

Sumário

Entrevista: 09 de outubro de 2015 A trajetória até a pesquisa sobre HIV: o interesse pelas religiões afro-brasileiras, o projeto de mestrado, o começo dos estudos sobre sexualidade, o processo para o doutorado, o trabalho na Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), o tema do vírus da imunodeficiência humana (HIV), a mudança do tema do doutorado; a busca pela aprovação dos projetos; a relação com o orientador do doutorado Richard Parker; o processo de escrita conjunta; o fim do doutorado; comentários sobre questões pessoais: os filhos, a morte do pai, a procura por trabalho; o projeto em colaboração com a Universidade de Columbia: os temas, o financiamento, a coordenação, a publicação, a orientação de trabalhos, as etnografias com representantes da Igreja Católica; o trabalho de consultoria; a implantação do PAID; a atuação no conselho do Instituto Papai; comentários acerca das pesquisas sobre exploração sexual; a fundação do labESHU: os pesquisadores, os projetos; comentários sobre a pesquisa “Diálogos”: o trabalho desenvolvido, os objetivos, a realização; a pesquisa de produtividade do CNPQ: objetivos, as mudanças, os backups das pesquisas do arquivo HSH, a questão do início da vida sexual dos brasileiros e a relação com os casos de HIV e gravidez na adolescência; a publicação dos livros do projeto diálogos; a ida à congressos e a internacionalização da produção científica; a publicação e a leitura de revistas acadêmicas; comentários sobre preferência se área; a rotina de trabalho; comentários sobre a área de pesquisa; criação do JUBRA; a questão do financiamento das ONGs; os resultados e as dificuldades dos novos trabalhos; o avanço das pesquisas; o contato com profissionais da saúde: a falta de preparo dos profissionais, o resultado das pesquisas e a produção de cartilhas e panfletos informativos.

Entrevista: 09/10/2015

João Marcelo (JM) – Obrigado professor por ter me recebido. A primeira pergunta que sempre faço é como na sua trajetória acadêmica veio esse tema pesquisa, HIV, sexualidade?

Luís Rios (LR) – Então, na verdade, sexualidade veio antes do que HIV. No mestrado, na graduação de Psicologia já comecei a me interessar sobre religião afro brasileira, só que tinha lido um texto da Monique Augras, um livro que se chama “O Duplo e a Metamorfose”, e aí me interessei, já me interessava por mitologia, por essas questões religiosas, mas a Psicologia naquele momento era muito fechada aqui na UFPE em relações a essas questões de religiosidade, a importância da religiosidade na constituição das pessoas, embora eu tenha lido esse livro em uma disciplina que se chamava “Psicologia e Cognição”, essa professora está... Maria do Carmo Vieira, professora, ela estava se aposentando, e eu queria fazer uma pesquisa sobre isso, mas ela estava se aposentando e não podia me orientar. Ninguém do departamento queria me orientar porque achava que não tinha condições de orientar e eu fui para a Antropologia. E eu fiz minha pesquisa na graduação, ganhei uma bolsa, fiz minha monografia sobre isso e queria continuar isso no mestrado. E aí fui concorrer ao mestrado em Antropologia daqui, que era sobre a constituição da identidade mítica, como era essa relação entre a pessoa e o orixá, só que eu achei que estava muito bobinho o meu projeto de mestrado e daí resolvi colocar a coisa da sexualidade, da homossexualidade, porque na monografia eu trabalhei com a história de vida de uma pessoa e não por acaso ele era homossexual e eu achei interessante as relações que ele fazia... A relação entre sexualidade e o orixá, essas coisas toda, essa entidade de Jurema, que é uma modalidade que se aproxima da Umbanda no Rio. E eu coloquei a questão da sexualidade, aí pronto. Eu fiz minha dissertação de mestrado sobre isso e vendo o que possibilitava que o Candomblé, no caso do Recife, nós temos duas modalidades de religião afro-brasileira, africanista, que é o Xangô e o Candomblé, só que o Xangô é autóctone, ele surge no Recife, e o Candomblé ele chega na década de 60. Então, eu trabalhei com essa modalidade que é o Candomblé para ver como é essa coisa da recepção dos homossexuais, o que faz com o que eles vão para lá, essas coisas... E aí fui fazer o doutorado. A princípio eu iria fazer na USP, com o Reginaldo Prandi, mas ele era muito estrela, ele foi da minha banca de mestrado, eu mandei o projeto para ele que era sobre reprodução social no terreiro comparando Candomblé, Umbanda, Jurema, Xangô, que acabou uma parte da minha tese, mas que no final virou outra coisa, se tornou outra coisa. Eu mandei o projeto para ele e ele...

JM – Não curtiu...

LR – Não, não, pelo contrário, devolveu sem ler pedindo para eu ajustar a bibliografia porque não era da forma como ele citava. Eu digo “Não sou nem orientando dele e ele já está assim! Imagine depois...” Eu já tinha usado um referencial do Richard Parker na minha dissertação e pensei acho que vou tentar o Richard. E passei um email para ele, enviei o projeto, ele leu o projeto e disse que queria falar comigo. Ele disse que estava fora do Rio, ele me ligou, não sei o que, nós conversamos, e eu fui fazer a seleção. Quando terminou a seleção, que eu tinha passado, mas não tinha bolsa, ele era presidente da ABIA [Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS], e disse que não achava que minha cara era intervenção, era mais pesquisa, mas que tinha um projeto começando... “Eu digo não! Eu quero!”. E foi nessa coisa que chegou a Aids. Porque eu fui trabalhar na ABIA. À princípio, não era um projeto sobre saúde sexual e reprodutiva, e que a gente ia fazer uma análise da situação do campo... como as pessoas... como estavam as pesquisas e as intervenções nesse campo da reprodução voltada para jovens e foi quando revendo parte do que eu tinha que fazer, que era rever a literatura sobre o tema e entrevistar alguns entrevistadores, foi quando eu vi que não tinha nada sobre jovens homossexuais e AIDS, naquele momento, acho que era 2000, 2000 e pouco...

JM – Isso era no IMS?

LR – Lá no IMS...

JM – Você estava morando lá...

LR – Já estava morando lá. Inclusive eu tive que ir antes de começar o curso, porque o curso começava em Março, e essa pesquisa começava em Janeiro, então no dia 1º de Janeiro, 1º não, mas no dia 2 eu já estava aqui. Voltei, porque o processo seletivo do IMS é longo, eu voltei, fiz as malas e voltei para o Rio começar essa pesquisa. E foi vendo a coisa da carência que eu decidi mudar o objeto, que seria reprodução social, de fato, tem um capítulo que é só sobre terreiro, eu queria comparar um processo que a sexualidade não é fundamental para a reprodução, como ela fica dentro do terreiro, acabou que vendo essa carência, a gente voltou na ABIA o projeto HSH, que era um projeto histórico e tudo, que já existia, que era um projeto de intervenção para homossexuais que acabou dando uma guinada também a partir dessa pesquisa, ou seja, ele passou a focar a população jovem e aí eu lembrei, comecei a lembrar, que na minha pesquisa do mestrado, muitos dos homens que eu tinha encontrado e entrevistado no terreiro eram jovens, mas eu não estava dando foco sobre isso, e também claro não tinha

nenhuma questão sobre Aids. Até trabalhava sobre as praticas sexuais, mas era mais em torno da identidade, ai foi quando eu foquei para isso, Aids entrou nesse momento.

JM – Então, é correto dizer que entrou como um tema que veio do seu trabalho publico, extra acadêmico...

LR – E também assim, para ser sincero, eu via que também tinha financiamento para isso. Eu tinha tentado, quando estava ainda no Recife, uma pesquisa no Prosare, acho que era Prosare não, era... Era um programa de incentivo para jovens pesquisadores com uma pesquisa sobre lésbicas. Era um programa voltado para a masculinidade. Eu queria entender, eu tinha que entender os homossexuais masculinos, e via essa coisa da feminilidade, e tinha contato também com as lésbicas. Mas, o projeto não foi aprovado. E nesse ano quem coordenava esse projeto era Albertina Costa, esse programa... No final do primeiro ano que eu estava na ABIA, eu não sei se no primeiro ano ou no segundo ano, surgiu um edital para programa de metodologia de pesquisa, ai eu já voltei o meu projeto, refiz o projeto de doutorado para isso... Fui aprovado, primeiro era um projetinho e ganhava um financiamento, porque um dos temas era juventude e homossexualidade, enfim... Então era um campo que dava recurso para pesquisa. Quando eu acabei teve esse outro edital que era [pausa] GRAU, que era uma versão desse outro que eu mandei anteriormente e não tinha sido aceito...

JM – O da metodologia?

LR – Não, o da metodologia era um que era do IMS, NEPU, tinha o daqui de Salvador, que era de várias universidades que promoviam esse curso de metodologia de pesquisa, e o outro era da Fundação Carlos Chagas, quem coordenava era Albertina e era intervenção, esse era de pesquisa e o outro era de intervenção. Eu tinha tentado participar antes, mas não tinha sido aceito e depois, por isso que eu falei disso, porque Albertina disse que eu tinha tido nota máxima para ser aprovado, e eu perguntei para ela o por quê de não ter sido aprovado. Ela não respondeu, mas eu entendi que eu queria trabalhar uma coisa que, naquele momento, masculinidade tinha que ser estudada com homens não com mulheres. Mesmo com toda teorização de gênero que já se tinha, mas enfim... Eu tive [...], então essa coisa de estudar juventude e sexualidade ajudava a complementar minha bolsa de doutorado, né? Foi um... Eu já gostava de estudar homossexualidade, essas coisas todas, mas fui ajustando para poder as coisas aconteceram.

JM – E como foi tua relação com o Parker? Ele era o seu orientador e também coordenador da ABIA, né? Ele te influenciou bastante?

LR – O Richard sempre foi muito, como que eu digo... A primeira conversa foi engraçada porque foi por telefone ainda... Quando ele me ligou, eu disse que da primeira vez que eu tinha lido o livro dele eu tinha achado tudo uma maluquice. A gente não é assim... Ai eu fui fazer a pesquisa e vi que a safadeza, essa coisa do erótico que ele discute, de fato, é muito presente... Ele riu que só... Eu digo que eu tive duas ou três orientações ao longo do doutorado, mas assim orientações formais, porque no cotidiano da instituição, eu estava com ele no IMS, e estava no cotidiano da instituição trabalhando, eu acabei trabalhando, fazendo minha pesquisa sobre juventude e homossexualidade e HIV no Candomblé, mas ai coordenava junto com o Vagner que é o companheiro dele o projeto HSH Jovem da ABIA. Então, eu acabava tendo esse olhar por conta do projeto institucional, tanto é que no final das contas, eu lembro que na segunda orientação quando eu entreguei a tese quase pronta para ele, quando eu entreguei eu já disse que achava que estava faltando uma parte, não era nem um capítulo, era toda uma parte. Porque a minha tese tem duas partes uma sobre Candomblé e uma sobre a comunidade homossexual do centro do Rio, eu disse que estava faltando a parte sobre a comunidade homossexual porque como eu iria mostrar que o terreiro, de fato, tem uma influencia na subjetivação sexual se eu não tenho um contraponto. E ai ele disse “falta”. Mas eu já tinha todos os textos prontos, que foram feitos justamente pelo trabalho institucional, inclusive publicado com eles alguns, eu juntei esses textos e fiz a primeira parte. Mas assim, então era uma orientação constante por conta do trabalho institucional na ABIA. Mas, sempre foi muito tranquilo.

JM – Vocês escreviam juntos? Era uma prática comum?

LR – As vezes ele recebia alguns convites, o primeiro texto, acho, que eu escrevi junto com ele, penso que era para fazer uma analise da produção sobre HSH em um congresso, acho que Latino Americano sobre Aids, acho que isso no Rio mesmo que aconteceu. Tinha a ver com o meu trabalho porque eu precisava para o meu trabalho, porque eu precisava disso para a ABIA, e tinha a ver com a minha pesquisa, então para mim foi ótimo escrever com ele também. E tinha essa pratica mesmo, e era uma pratica da instituição mesmo, da ABIA.

JM – E você defendeu o doutorado e você terminou o trabalho na ABIA e o que você fez depois?

LR – Eu defendi o doutorado em 2004, mas ai vem várias questões. Eu tenho dois filhos aqui no Recife do primeiro casamento. O meu pai que era muito próximo faleceu no final de 2003 e de alguma forma, não substituía minha presença, mas, dava mais tranquilidade quando ele estava vivo e os meus filhos estavam aqui. Então, tinha essa coisa e ainda tinha uma promessa

que eu voltaria. Mas eu já tinha até esquecido dessa promessa. E o meu casamento lá estava ruim...

JM – No Rio?

LR – No Rio. Eu era casado com Leandro nessa época. Ai estava ruim. A ABIA, eu fui pedir aumento, teve uma confusão lá, na verdade, teve uma diminuição de salário, a bolsa acabando e abriu um concurso aqui, na Psicologia. Só que eu tinha me afastado completamente dessa coisa da Psicologia Clínica do concurso. Eu disse não, o Rio estava dizendo que era para eu ir para o Recife porque era muita configuração ruim lá. Eu parei, estudei, fiz o concurso e vim para cá, para a Psicologia. Mas assim, a ABIA, o trabalho com o Richard, o IMS, me fez ter uma rede interessante, então deu para continuar a trabalhar essas questões de forma muito parceira. Assim que eu cheguei, o Richard fez um projeto pela Columbia, ele é professor da Universidade de Columbia sobre religião e Aids, e eu já me engajei nesse projeto que durou cinco anos.

JM – Nossa! Isso mais ou menos em 2005, por ai? Até o final da primeira década...

LR – Isso. Foi bem legal porque envolvia também o pessoal do NEPAIDS de São Paulo, Vera Paiva que eu já vinha também tendo contato esse tempo, e o Rio Grande do Sul, Fernando Zefine, foi um projeto bem legal em que a gente analisava essa coisa da resposta religiosa a epidemia a partir desses lugares e também Brasília. E como eu tinha minha trajetória na Antropologia da Religião e Religião Brasileira deu para colaborar um bocado com isso. Fernando tinha uma experiência com evangélicos e tal, foi bem legal...

JM – Era financiado por Columbia ou era daqui de dentro?

LR – Não era um financiamento internacional e depois nós conseguimos um financiamentozinho para os campos de Recife, São Paulo e Rio no Prosare, não me lembro... Um financiamento que teve para religião e sexualidade, a gente conseguiu, mas foi um recorte, mas era todo internacional.

JM – Você chegou a ir para Columbia?

LR – Fui, fui acho que duas vezes. No começo do projeto e no final do projeto para apresentar a parte... Saíram vários artigos que são sobre essa pesquisa.

JM – Todos eram coletivos? Ou os pesquisadores tinham certa liberdade...

LR – Tinha liberdade, tinha liberdade. Richard como era o coordenador e acho que Miguel acho que estavam presentes em quase todos os artigos, no geral, mas nós temos artigos que eram mais sobre o campo de Recife, depende de quem participava da produção. Tem mais

coletivos, tem um acho que foi Vera que puxou, foi em São Paulo, tem de todos os campos, mas eu acho que a gente tinha autonomia. Acho que ainda tem coisa para sair...

JM – Foi uma coisa grande...

LR – É. Acho que o ano passado eu publiquei ainda um artigo sobre essa pesquisa. Tem um para sair em um livro que a gente está organizando que é de uma aluna minha que fez a pesquisa dela sobre o pastorado, sobre aliás, a capelania em HIV e Aids que tinha aqui em Recife, então tem coisas para sair ainda. Apesar do tempo... Mas, como eu sou antropólogo tem a coisa do presente etnográfico [risos]

JM – Nesse projeto grande, muita gente envolvida, era uma metodologia comum que todo mundo publicava ou tinha também uma maleabilidade?

LR – Não. A metodologia tendia a ser comum, embora dependendo do pesquisador... porque tinha vários instrumentos. Como eu tinha essa coisa etnográfica diferente de Vera, que é mais psicóloga mesmo, então lá eu via que tinha um foco nas entrevistas e aqui eu consegui uma aluna que foi bem interessante, agora ela é minha aluna no Doutorado e está fazendo pesquisa no mesmo lugar, ela estava começando uma pesquisa em uma comunidade aqui do Recife que se chama Brasília Teimosa, nos textos aparece como Nova Guanabara. Eu disse “Luciana, a gente paga para você ficar lá e você faz sua pesquisa em articulação com essa pesquisa” Então, ela ficou lá trabalhando junta com uma unidade católica. Então, a pesquisa dava para fazer isso, dar a ela a possibilidade de fazer essa coisa como Malinowski...

JM – Da imersão.

LR – Daí ela fez as observações e as entrevistas que a gente estava tendo dificuldade com os padres, eles não queriam. Como naquele momento a gente tinha um arcebispo ultra, mega conservador, a gente não conseguia entrevistar ninguém sobre... a pastoral da Aids aqui não existia, a pastoral da saúde não queria falar com a gente, os padres eram super reticentes, então nós fomos pelas lideranças leigas que eram a liderança dos terços dos homens, ficou muito legal. Depois nós conseguimos acessar outros padres, uma freira, não sei o que, então eu acho que essa perspectiva etnográfica nos deu a possibilidade de caminhar de forma diferente. Mas era uma das técnicas, estava no quadro de possibilidades da gente. Só que eu acho que só quem fez etnografia foi o campo da gente que tinha... Se bem que Jonathas também, que era um aluno do Richard de Columbia, que veio trabalhar aqui ele fez alguma coisa etnográfica no Rio. Mas assim, dependia muito do pesquisador acho que os psicólogos e sociólogos trabalhavam mais

com entrevista e a gente botava um pouco de observação no meio, essa coisa... uma compreensão, digamos assim, não só discursiva mas das práticas também.

JM – Nessa altura você já era professor aqui, institucionalizado academicamente, mas essa área também ela tem muita conexão com a vida pública ONGs, SUS, políticas... Você teve alguma inserção? Você era chamado para consultoria?

LR – Sim, tinha já, por essa inserção na ABIA, muito contato com o ministério da Saúde que foi se perdendo um pouquinho. Eu senti que... porque as pessoas vão mudando também nesses cargos públicos, mas por outro lado, nós fomos criando novas redes aqui. Por exemplo, na própria universidade eles por diversas vezes eles tentavam identificar alguém que trabalhasse com alguma temática, por exemplo, eu fui migrando mais para a coisa do direito, não do direito, eu que faço mais essa leitura dos direitos, que o enfrentamento da exploração sexual das crianças e dos adolescentes, então surgiu. A universidade fez um convenio com um Ministério não sei das quantas, que é a Secretaria Especial de Direitos Humanos, para a gente implantar o PAID, que é um programa de enfrentamento a exploração sexual. Então, eu coordenei junto com uma colega que trabalha com juventude e eu ia mais... juventude também, eu trabalhava com juventude e sexualidade, a gente implantou isso no sertão. O que deu mais certo foi a parte do sertão, em Recife era super resistente a tudo, então no sertão deu super certo. Foram surgindo algumas coisas. Ao mesmo tempo, aqui em Recife eu virei curador de uma ONG, que é PAPAI, depois lá na própria ABIA. Quando acabou essas pesquisas todas me convidaram para ser curador lá. Então, tem esse contato. Agora mesmo em Novembro, Dezembro na verdade, eu vou para uma reunião lá.

JM – Essa ONG de Recife que você falou, Papai, você é curador, o que você faz lá?

LR – Instituto Papai. A gente acompanha um pouco o trabalho da instituição, então tem reuniões...

JM – Um conselheiro...

LR – Isso. E aqui também tem esse contato. Quando foi agora, esse é um trabalho maior, quando foi em 2012, na verdade o convite foi feito em 2009, eu coordenei, mas é um conjunto de pesquisadores aqui que trabalham com sexualidade, masculinidade, gênero, que aconteceu as obras do PAC a gente teve a construção de uma refinaria, o presidente da refinaria era sensível aos impactos sociais que isso provocaria, convidou a universidade para fazer um projeto de intervenção em um primeiro momento para lidar com isso, não era esse o pedido, mas era sobre isso que se tratava: o impacto da vida sexual dos homens nas comunidades.

Então, já se esperava um aumento de prostituição, de exploração sexual de criança e de adolescente, HIV e Aids, e fora as outras coisas todas. A gente fez um projeto de pesquisa e de intervenção para trabalhar lá que durou dois anos e meio. E agora nós estamos começando a publicar sobre esse projeto, por exemplo, hoje eu vou assinar um convenio que é para um dos livros que surgiram, são seis livros que vão sair a partir dessa pesquisa grande. E nós temos essa coisa, é financiado pela Petrobras, mas também tem empreiteira que financiou, teve apoio do governo do Estado, então a gente sempre tem essa coisa de buscar essas articulações. Eu fundei também esse laboratório, o LabESHU...

JM – Tem quanto tempo o LabESHU?

LR – Quando eu cheguei em 2004, 2005 acho.

JM – Tem 10 anos.

LR – É. Depois duas professoras se engajaram que é a professora Carla Galvão e a professora Luciana Vieira. Carla trabalha mais com feminismo, mulheres e Luciana, hoje, trabalha com [...], travestis, ela é diretora da, é uma diretoria nova de LGBT que surgiu na universidade muito por pressão dos movimentos sociais...

JM – Recente.

LR – É. Inclusive tem uma campanha “meu nome social importa”. É Luciana que está conduzindo, que é em relação ao uso do nome, que tem uma resistência grande na universidade e ao uso do banheiro também. Está ligado também de certa forma ao LabESHU. Nós temos pensado sempre nessa interface. Eu acho que é quase uma tradição dentro dos estudos de sexualidade essa relação com movimento social, as políticas públicas, às vezes a gente incomoda as políticas públicas, muito mais do que responder aos que eles querem, aos gestores, enfim, mas tem tido uma relação interessante.

JM – Nesse último período, nos últimos cinco anos, qual você diria que foi a pesquisa que você achou a mais interessante?

LR – Foi, de fato, a do “Diálogos”, embora... que é o nome desse projeto grande...

JM – Esse [...]

LR – Depois, eu vejo se acho o material

JM - Isso foi realizado em quanto tempo?

LR – É uma pesquisa intervenção, então, de fato, a gente... Na verdade, é um programa, eram sete projetos articulados nessa perspectiva de que se a vulnerabilidade ela tem a ver com o HIV, mas não só o HIV, gravidez quando não é desejada, essas questões todas, tem a ver com a

sinergia de opressões, digamos assim, então para a gente lidar com isso tem que chamar todos os atores que estão envolvidos e trabalhar não só as questões do conhecimento técnico, mas as questões raciais, as questões de juventude, então, por isso, a gente construiu sete projetos. Um projeto trabalhava com os jovens, formando lideranças, a gente usou recursos, num primeiro momento, de áudio visual, então nós convidávamos jovens que estavam nas escolas públicas para trabalhar a partir de um curso de produção áudio visual, então a partir disso nós íamos discutindo os temas e depois disso esses jovens foram envolvidos nos projetos enquanto multiplicadores, mas mais do que isso, essa ideia mesmo de que eles pudessem ir ganhando voz. Esses jovens trabalhavam em outro projeto que era a Caravana da Cidadania onde a gente organizava intervenções em localidades, lá do Cabo e de Ipojuca, que são os dois municípios mais afetados por isso. Um projeto com as prostitutas. Um outro projeto com os trabalhadores dentro da refinaria e esse nós tivemos a parceria de duas ONGs, que é o Instituto Papai e eles trabalhavam com os homens, eles trabalhavam dentro da refinaria com eles. E o outro projeto era com o Centro das Mulheres do Cabo que é outra ONG famosa, histórica e que trabalha com mulheres, então elas trabalhavam num projeto que se chamava “Mulheres, Educação para a Cidadania”, elas tem um programa de rádio e já tem uma articulação muito grande, elas conseguem mobilizar as mulheres, sobretudo do Cabo de forma muito interessante. E o último que se chama “Observatório” era mais nessa perspectiva da gente articular essa própria produção da gente e disponibilizar. A ideia era tornar essa coisa sinérgica, esses atores todos, elas também mobilizavam profissionais, elas fizeram audiência pública, o Centro das Mulheres, no projeto delas, então é bem interessante. E, de fato, nós estamos ainda analisando os dados. Tínhamos duas **back ups**, uma pesquisa de conhecimento e práticas sobre HIV e Aids e sobre os outros temas todos com a UNESCO, mas para o finalzinho, nós estamos começando a analisar os dados e a gente observa que é interessante, vai sair o livro agora sobre isso, a gente observa que tem um impacto, mas o impacto é sobre aquilo que a gente não trabalhou. Então, por exemplo, o nome do artigo, eu já sei qual é, vai ser... porque assim eu esqueci o nome... Mas, a gente não trabalhou nos nossos materiais: de forma nenhuma a coisa da picada de inseto como coisas que possam transmitir o HIV ou não, né? E isso é perguntado na pesquisa: banheiro público e talher, então essas coisas as pessoas erraram mais sobre isso, o que mostra que o que a gente esteve presente não é o aumento nas respostas corretas é o aumento nas respostas erradas daquilo que a gente não trabalhou, a partir dessas diferentes intervenções. Nós estamos refletindo justamente sobre isso, é um dado interessante. E sobre outras coisas

também. Então, de fato, a gente observa que a presença da gente, uma coisa, por exemplo, que é carente na literatura e hoje tem muito dessa coisa da Medicina focada em evidencia, então tem esse negocio, e os estudos de prevenção carecem desse tipo de literatura, de pesquisa mais focada nisso. Então, essa pesquisa do “Diálogos”, ele pode um pouco servir para isso. Nós estamos começando a publicar em revistas, essas coisas todas que são mais aceitas, mas também tem outro material que está sendo publicado em livro agora, que acho que vai ser legal. Agora por conta disso, do “Diálogos” eu acabei deixando a minha pesquisa de produtividade do CNPQ um pouco de lado...

JM – Porque não era essa...

LR – Não, era sobre homossexualidade. Agora eu estou correndo atrás do prejuízo. Porque a outra que era sobre homossexualidade e estigma, homofobia, enfim nós concluimos, mas eu acho que acabei dando mais atenção ao “Diálogos” do que a ela, mas no meio do caminho a nova eu fiz um pouco pensando nos dados que nós tivemos das questões da homossexualidade nesses municípios que aumentaram de fato as taxas de...

JM – De infecção?

LR – Não... De, esqueci o nome... mas, aumentou, sobretudo, na região metropolitana duplicou. Então eu peguei isso. Então, a pesquisa é quali-quantitativa para ver essa coisa de conhecimento e práticas dessa população, mas pensando esses municípios, não só Recife, mas a região metropolitana. Nós vamos na parte quantitativa pegar um pouco daquela perspectiva da rede, é bola de neve, mas a gente vai tentar torná-la um pouco aleatória, com essa coisa de sortear as indicações. A ideia é que saia de cinco municípios, os que tem mais casos de Aids, e ver como essa rede, a ideia é ver um pouco da rede, pelas indicações nós vamos poder ver... A minha hipótese é que vai convergir para o Recife mesmo. Mas, as sementes não vão sair do Recife. Tem a parte qualitativa. Uma coisa legal é que o questionário, quando eu estava saindo da ABIA eu fiz um projeto para uma pesquisa, porque lá a gente nós tínhamos as ondas de back up para acompanhar os projetos HSH, isso foi interrompido antes de eu entrar, acho que em 98, 99 foi a última back up do HSH. Antes de eu sair eu fiz um questionário onde eu incluía algumas questões que eu tinha visto na minha tese, que não está em back up nenhuma, “você faria sexo com homem negro?” “você casaria, teria parceria fixa com homem negro?”, e outras questões sobre passividade e atividade sexual que em geral passam batido nos back ups que nós temos hoje. Eu adaptei isso nessa pesquisa na ABIA e eu ajustei e estou usando na nossa aqui que está começando. Nós vamos poder... A questão da idade, que era uma coisa que eu

via na minha pesquisa, as back ups nacionais que não tem a ver com homossexualidade, elas sempre acabam no final da pesquisa, nós temos como idade media de iniciação sexual do brasileiro é de 14 anos. Mas, o que eu via nas pesquisas qualitativas não era isso. Os meninos tinham a primeira relação sexual com 5, 6, 7 anos. Só que eles não chamavam isso de relação sexual, era brincadeira. E se nós vemos os dados sobre gravidez na adolescência, e sobre Aids mesmo, o que me sugeria que o aumento nessas idades iniciais, que é onde sempre aumenta mais, é porque as pessoas estão tendo sexo nessas... porque se o vírus fica assintomático de cinco a dez anos, se descobre com Aids, que não é com HIV, com 12, 13 anos é porque ela transou com 6, 7 anos. E a gravidez, se o aumento maior é justamente nessa faixa de 11, 12 anos que é quando a menarca acontece, então também elas estão transando, só vai engravidar... as pesquisas que eu comecei a fazer com mulheres aqui também apontavam isso as idades de iniciação sexual eram muito anteriores só que não são qualificadas enquanto tal. Nessa back up tem como checar isso. A primeira vez antes dos 12 anos que você chupou alguém? E qual era a idade do parceiro? É uma tentativa de pegar isso, porque acho importante para a gente pensar. Agora, claro, pode ser tomado pelo moralismo como algo como vamos aumentar o controle sobre nossas crianças, mas a ideia não é essa.

JM – Entendi.

LR – É essa a pesquisa que está rolando e que agora eu estou investindo um pouco mais nela, apesar do “Diálogos” ainda estar, embora tenha acabado no inicio desse ano, ainda estou fechando, como eu era o coordenador geral, ainda estou fechando a parte financeira, vendo essa coisa para onde vão, porque comprou muita coisa, aonde vão os equipamentos...

JM – Você tem uma equipe para te ajudar ou você faz boa parte...

L – O problema da universidade é esse. Do CNPQ sou eu que faço mesmo, dá um rolo. A do “Diálogos” nós tivemos uma equipe, mas quando o projeto acabou não tem mais equipe. Justamente nós fizemos esse projetinho final, que são esses livros, para um pouco recompor essa equipe para conseguir fechar o projeto anterior. Era uma sobra de recursos, que era a Petroquímica que financiava, e a gente não conseguiu gastar, que é outra dificuldade aqui nessa universidade é de gastar recurso público, com essa história de licitação, é uma confusão e sem equipe. Tem a FAD, mas FAD a fundação da universidade não ajuda, ela atrapalha. A estratégia que eu encontrei para remontar um pouco a equipe e fechar o projetão. E esse projeto que é dos livros, os livros já estão todos prontos falta diagramar, nós vamos circular nos municípios distribuindo os livros com uma palestra sobre o resultado do projeto. Basicamente esse projeto

é de devolutiva, mas para a gente fechar o projeto porque não tem equipe. A equipe são os alunos, enfim essa parte mais de campo é tranquila, mas a parte de administração, do financeiro é muito complicado na universidade, nós não temos recursos para contratar alguém. A fundação é péssima, a gente enlouquece, a gente perde prazo, a gente...

JM – Essa é um história comum. Nos últimos anos tem tido uma pressão muito grande para a internacionalização da produção científica. Como na tua trajetória entra isso? Você teve essa relação com Columbia via Richard, mas você se preocupava em publicar no exterior, ir para congresso?

LR – Olha, eu já fui mais. Também quando eu estava na ABIA acho que facilitava essa coisa dos contatos internacionais, sobretudo, na América Latina.

JM – Tinha essa conexão forte?

LR – Tinha. Eu estava mais nos lugares. A gente era sempre chamado, quando eu estava lá a estar em alguns eventos, eu muitas vezes ia na América Latina. E também no Canadá. Eu acho que essa coisa da vida universitária é muito contraditória porque a gente chega aqui e assume o lugar de coordenação, disso e daquilo, e nisso nós não temos equipe, não temos apoio, isso dificulta. Hoje, eu tento publicar nas revistas com qualis, que sejam vistas como internacionais, se bem que muitas vezes... porque tem o qualis de cada área, então as vezes é complicado quando você está numa equipe interdisciplinar porque o que as vezes conta para uma área não conta tanto para a outra. Até que como Psicologia é mais para a saúde as publicações com o Richard, por exemplo, algumas contam, a Global Public Health, eu acho que contam legal para a Psicologia. Mas, tem uma que é numa revista inglesa que não conta nada para a Psicologia, que é Cultura e Religião. É bem bom o texto, eu gosto bastante do texto, que é sobre as católicas, é dessa etnografia, mas para a Psicologia não conta nada, no meu lattes conta muito pouco. Mas a gente tem tentado. Eu também tenho preguiça de congresso. Mas, é uma coisa que, por exemplo, eu não passei de 2 para 1 na produtividade por conta disso. Porque eu vi que minha produção está até boa para área, mas eu não vou em congresso, não tenho ido, mas agora eu passei a ir porque senão não sobe.

JM – Mas não é o que você acha para a sua pratica científica interessante?

LR – Depende. Acho que está meio saturado, sabe? Sobretudo, na Psicologia. Eu gosto mais de ir para congresso na Antropologia, mas ai não conta. Como minha bolsa de produtividade... Tem essa coisa também... Eu vinha pedindo na Antropologia, mas a Antropologia é muito fechada, ai eu pensei, “Sabe de uma coisa? Vou pedir na Psicologia”. Deram. Mas, isso faz

com o que eu precise ir mais para os congressos de Psicologia, mas eu não gosto de congresso, psicólogo é muito chato! Eu gosto mais de estar na Antropologia. Inclusive eu migrei também sai do programa de Antropologia... Eu era dos dois programas, mas eu não estava aguentando. As minhas últimas doutorandas estão defendendo agora. Agora estou só na Psicologia. Mas, quando eles olham os trabalhos dos meus alunos eles acham que é da Antropologia, mas enfim...

JM – Em relação aos seus hábitos como pesquisador, por exemplo, você costuma ler revista qualis ou apenas quando você precisa fazer alguma pesquisa?

LR – Pegar e ler...

JM – Você coloca um aviso no seu feed, saiu um artigo na sua área. Não é o seu caso.

LR – Não. Só quando eu preciso. Tem uma maluquice nesse processo que eu estava começando a falar e acabei me dispersando, eu não tenho tempo de ler o que eu quero, eu tenho que ler, eu estou com duas teses na bolsa para ler, que são pré-bancas de tese que vão defender no próximo ano. Ai vem, estou na comissão de seleção de mestrado, estou com 27 projetos para ler e isso, tudo bem, você pode dizer que é quando começa o final do ano porque começam as seleções e tem o povo que vai defender o ano que vem. Mas, não é. É quase o ano inteiro assim. Estou com seis pareceres no CNPQ que eu tenho que fazer até o final, não acho que até o dia 10, daqui a pouco chega o aviso de cobrança. A gente não tem tempo de ler o que gostaria de ler, vê um artigo muito interessante quando chega, mas e o tempo? Ai quando precisa tem que ler. Por exemplo, está terminando um texto, ai tem que fazer aquela revisão para poder atualizar, acho que isso é terrível, acho que a gente vive muito assoberbado, porque acho que é falta de profissional na universidade. Acho que a gente aumentou muito o numero, quando eu fiz mestrado acho que eram 10 pessoas na minha turma de mestrado, agora eu tenho uma turma de Psicologia aqui de 10 alunos, mas é uma turma atípica, que é criticada pela reitoria, a própria CAPES diz que a gente está sem orientandos suficientes, porque é 27 que tem que entrar. Ai nós ficamos sem tempo para fazer as coisas, porque é orientação, fora aluno de graduação, a pesquisa, as mil reuniões, e mil comissões, então não tem como a gente ler...

JM – Se você pudesse fazer uma síntese da sua área em geral, digamos, juventude, HIV, Psicologia, Antropologia, como está essa área hoje, você acha que é interessante? Tem centros importantes?

LR – Eu acho que tem uma coisa que é legal, que se expandiu bastante, tanto os estudos de juventude, nós viemos acompanhando a área, os congressos, essas coisas todas, por exemplo,

na área de juventude, essa interface não só na área de sexualidade mas com outras questões. Teve a criação do JUBRA.

JM – JUBA?

LR – JUBRA. Sobre juventude brasileira, eu acho. Que é espelhado em alguns que já existiam internacionalmente. Quando a gente acompanha nós vemos crescer, as pesquisas em juventude e sexualidade dentro de homossexualidade, que é legal. Tem uma coisa que eu acho que impactou no campo que foi a saída das agências que financiavam pesquisas, como a que eu tive financiada, que é a Fundação Ford e a MacArthur que financiavam. Eu acho que isso tem impacto grande, mas, por outro lado, tem uma ampliação dentro das universidades o interesse por essas áreas. Homossexualidade também. HIV, por outro lado, a gente vê, o grupo do NEPAIDS, ABIA, a gente está tentando retomar uma conversa para ver em que medida a gente consegue impactar esse campo da prevenção, esse campo dos estudos sobre HIV e Aids de forma geral, mas nessa... Porque a gente teve um retrocesso, digamos assim, muito grande nesse campo, da resposta brasileira mesmo, e que eu acho que tem a ver com essa coisa dessa falta de financiamento para as ONGs, muitas ONGs históricas fecharam ou diminuíram de tamanho. A ABIA quase ia embora também, mas conseguiu se reerguer, agora está em um processo de se ampliar de novo. Então tem um movimento preocupante em relação... Nós conseguimos avançar nas pesquisas e tudo, mas isso não tem impactado no campo, acho que tem um esgotamento também de um modelo de prevenção e por isso eu acho que o “Diálogos” e suas publicações podem ajudar em alguma forma para, de fato, a gente mostrar que esse modelo... Por exemplo, na pesquisa do “Diálogos” a gente não fez nada de novo, a única coisa que a gente fez foi aplicar o SUS, intersetor alidade, então ela é uma pesquisa para testar se o modelo que a gente criou mais globalmente, que está lá no SUS, se funciona, e ele funciona, se a gente consegue juntar todo mundo e articular, a gente consegue fazer. E ter material, né? Porque falta material. Todo lugar que a gente chegava não tinha. E grande parte do que a gente fez foi produzir material para deixar para as pessoas para elas usarem. Material informativo, numa linguagem legal e tudo. Então, tem um esgotamento e tem uma... eu acho que a gente precisa voltar, não sei, diminuir o tamanho, aquelas pesquisas de financiamento do próprio Ministério, não só para intervenção, mas para pesquisa. O Ministério da Saúde tem sido, não sei agora que teve essa mudança mais recente, eu não sei se vai ter uma mudança dentro do departamento de Aids... Tampar o sol com a peneira mesmo, a epidemia ai matando, prevenção quase zero, se por um lado foi legal essa coisa, acho que tinha que ser mesmo, porque o PSF

que tem que assumir essa coisa da prevenção, eu participei, fui tutor do PET que é um programa, chama PET SAÚDE, que era um programa que envolvia profissionais, estudantes e os professores, profissionais lá da ponta mesmo, no nosso caso, do PSF mesmo, para que nós fizemos uma pesquisa, eu tutoriava cinco preceptores: duas enfermeiras, uma médica, duas odontólogas, e foi bem legal essa experiência porque uma delas quis fazer um trabalho sobre gravidez na adolescência, e daí deu para a gente ver como era o tratamento da sexualidade lá na ponta. E elas são, não porque querem, mas super despreparadas. Por exemplo, elas não conseguiam entender, aquilo que nós falamos nas pesquisas há 500.000 anos, de que as meninas queriam engravidar. Elas não engravidam porque não se previnem ou porque não sabem, não, elas querem. Então, foi a partir dessa pesquisa que nós fizemos conjuntamente que ela conseguiu escutar isso, porque ela não escutava. Eu fui vendo como era a prática, por exemplo, chegou o KIT para fazer exame no posto dela, elas guardavam a setes chaves com medo de usar porque elas diziam assim “O que eu vou dizer para a pessoa se ela for soro positiva?” Elas não tinham, a formação que deram para elas era quase zero. Então, é difícil trabalhar sexualidade. Outra coisa, abuso “Como eu vou trabalhar questões de abuso na minha comunidade? Porque o cara que está abusando, eu vou vê-lo” Tem umas questões que envolve a vida sexual no cotidiano do PSF e elas nem foram preparadas e que são, de fato, muito delicadas. Então, eu acho que isso também ajuda a produzir isso que nós temos sobre HIV e Aids, hoje, no Brasil. Tinha uma movimento que era para ser, na minha perspectiva, que tem a ver com a descentralização dos processos, mas como essas temáticas de sexualidade são complicadas, ou a gente faz delas complicadas, eu sempre digo que nunca tive dificuldade de fazer uma entrevista sobre sexualidade. Os meus alunos começam morrendo de medo eu digo “menino, é só perguntar e eles vão responder, todo mundo quer falar”. Então tem isso. Acho que nós temos que trabalhar muito para a gente ajustar, eu não acho que tem que voltar as ONGs a fazer esse trabalho, é um trabalho que o PSF tem que fazer mesmo, de prevenção, mas, eles não tem... Uma pesquisa lá do Cabo e de Ipojuca, eles não tem material informativo, não sabem como tratar das questões, ou tratam de forma moralista, tem um avanço, nós fizemos uma cartilha que ainda vai sair, nós testamos durante o processo, sobre abuso e exploração sexual de criança e de adolescência [interrupção] as meninas, umas alunas minhas, fizeram uma cartilha para trabalhar a questão da exploração sexual, teve a maior dificuldade com os professores, mas os pais e as próprias crianças... As crianças disseram: “Não tia, a gente chama as outras crianças para participar, a gente quer!” As mães também, chegou uma mãe e disse

“Não... é sobre isso! Nós estamos precisando que trate sobre isso com as crianças e com a gente”. Com os professores nós não conseguimos fazer a validação da cartilha com eles, porque é maior dificuldade. Então tem uma parte da população que quer essa discussão, falar de sexualidade, entender melhor, mas parece que a gente tem uns técnicos que tem mais medo disso do que a própria população. Acho que tem esse desafio nesse campo também que tem a ver com pesquisa e com intervenção também.

JM – Professor queira agradecer pelo seu tempo. Foi ótima a entrevista. Muito obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]